



XUXA
APRESENTA

Conte outra vez.

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS



O PATINHO FEIO

A BELA E A FERA



XUXA
APRESENTA

Conte outra vez



O PATINHO FEIO

pág. 1

Quem é que, um dia pelo menos, não acordou de mau humor, triste, sentindo-se pior do que os outros? Acho que todos nós já passamos por isso. Era assim que se sentia o patinho feio, que parecia bem diferente dos irmãos e sofria com isso. Todos diziam que ele era horrível, desajeitado. Mas ele não era nada feio. Era apenas diferente. Na verdade, não existe nenhum bichinho feio, e tudo isso não passa de bobagem da gente. Todo mundo tem coisas bonitas, é só deixar que elas apareçam. Foi o que acabou descobrindo o patinho feio.

A BELA E A FERA

pág. 25

Às vezes, as aparências enganam. Foi o caso da Fera desta história, que todos temiam e achavam terrível. Pois apareceu um dia uma garota que não teve medo de se aproximar da Fera. A moça, que se chamava Bela, acabou descobrindo que a Fera não era tão terrível, e daí surgiu uma amizade que parecia impossível. Descobriu também que ninguém é totalmente mau, e que a aparência mais feia pode esconder um lindo príncipe.



CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0914-8 (volume 7)

O patinho feio



Ilustrações: Una



Certa vez, uma pata chocou sete ovos. Logo nasceram seis patinhos, que começaram a andar pelo quintal. O mais velho correu atrás de uma minhoca, que fugiu a toda velocidade. Um outro ficou cutucando um caracol, que se encolheu dentro da casinha. Os dois do meio conversaram para decidir o que fazer. E os mais novinhos ficaram perto da mãe, olhando para o sétimo ovo.

Como ele não se abria, a pata precisou quebrar a casca com o bico. E, quando o caçula apareceu, a coitada caiu para trás de susto.

— Que horror! — exclamou ela. — Como é feio!

O último patinho não se parecia nem um pouco com o resto da ninhada. Os outros eram delicados, tinham as penas macias como algodão e amarelas que nem gema de ovo. O feioso era grande demais para a idade dele e tinha as penas meio cinzentas, duras como se fossem fios de vassoura.

A colorful illustration of a pond scene. In the center, a large white duck with a grey head and an orange beak swims. It is surrounded by several small, fluffy yellow ducklings. One duckling in the foreground is looking up at the mother duck with its beak open. The pond is bordered by green reeds on the left and a dense line of green trees in the background. Two tall, reddish-brown cattails are visible on the far left. The water is depicted with blue and white ripples.

“Será que eu choquei um ovo que não era meu?”, pensou a pata. “Será que um filhote de urubu veio parar no meu ninho? Vou ver se ele sabe nadar.”

A pata levou a filharada para uma lagoa. Os seis filhotes mais velhos nadaram bem, e o feioso nadou melhor que um peixe.

“Bem, urubu não é...”, concluiu a mãe.



Depois do banho, a pata reuniu os filhotes e disse:

— Agora, vocês vão conhecer os outros bichos do quintal. Comportem-se bem e sejam educados com todo mundo, principalmente com a pata velha, nossa chefe.

Os patinhos se arrumaram em fila e foram marchando atrás da mãe, como soldados. Quando um deles se desviava do caminho, a mãe, atenta, berrava e chamava o filhote, com medo de que se perdesse do bando. E assim foram caminhando e conhecendo os bichos que viviam na região, como os porcos, que estavam comendo por ali.

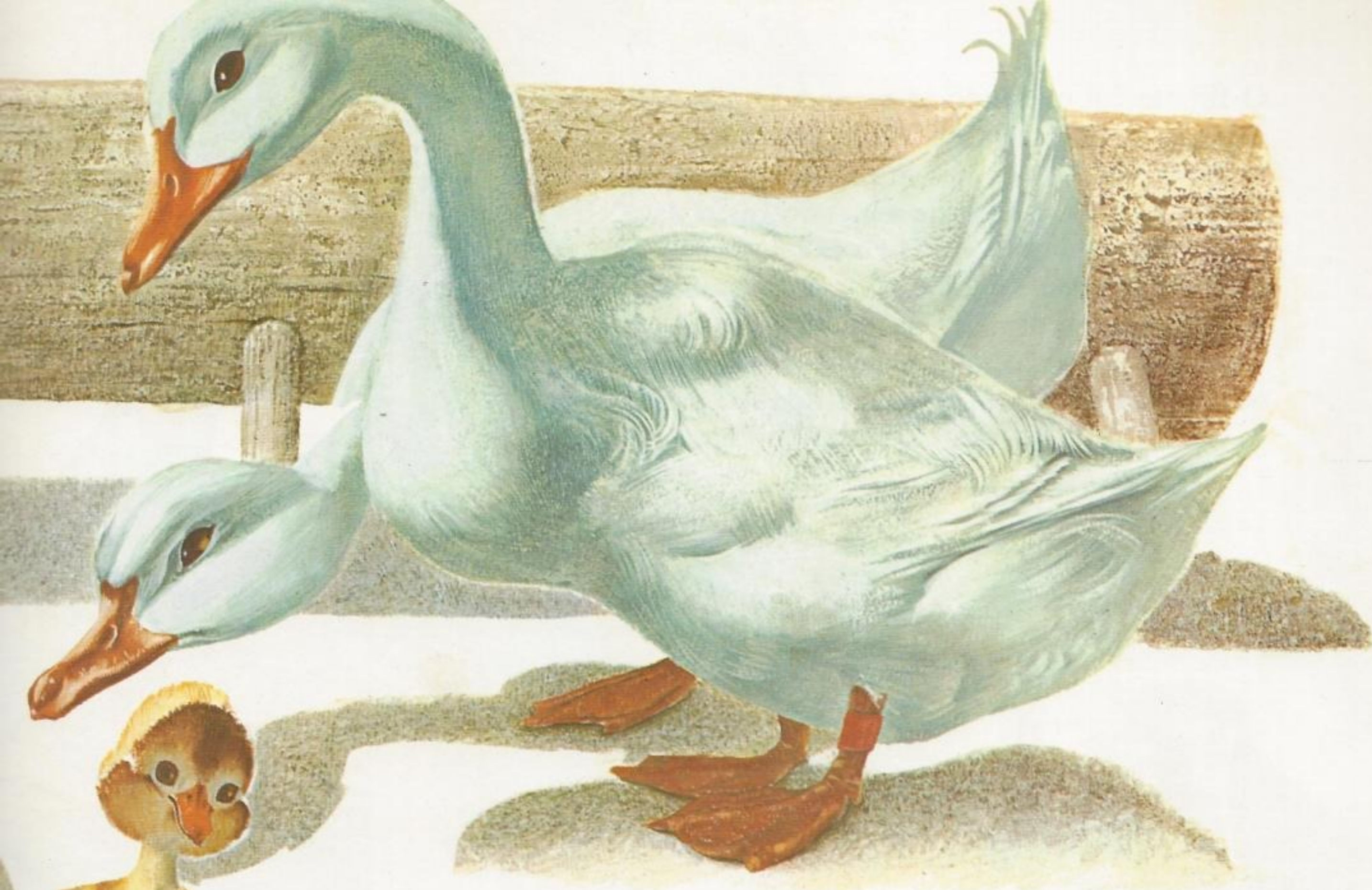
Andaram mais um pouco e encontraram a pata velha, que tinha uma verruga bem na ponta do bico.

— Excelência — disse a mãe dos patinhos —, quero que conheça os meus filhos, que nasceram hoje.

— Ah, são bonitos! — respondeu a chefe. — Mas este aqui é tão esquisito! — comentou, apertando os olhos para enxergar melhor o feioso.

— Ahn, ele nasceu por último — disfarçou a mãe.

— É um pouco feioso, mas parece forte. Está bem, pode passar — comentou a velha.



— *Quá! Quá! Quá!* — riu um dos patos que estavam com ela. — Forte pode ser, mas é feio que dói...

— Horrroso... — concordou o outro pato. — Vamos logo tocar esse monstro daqui para fora.

E, só por maldade, os dois começaram a bicar o patinho, para que ele se afastasse.



O filhote foi correndo se esconder embaixo da asa da mãe, com o coração quase saltando para fora, de tanto medo. Os dois grandalhões pararam de maltratá-lo, mas ficaram olhando torto para ele. A pata velha, por sua vez, não se conteve:

— Mamãe pata, você não pode fazer nada para melhorar este patinho?

— Acho que não... Ele não será belo, mas garanto que nada muito bem. E, além disso, é sadio e forte.



Quando ouviram aquelas palavras, todos os animais do quintal caíram na gargalhada. Mesmo assim, a pata seguiu apresentando a ninhada a todos os bichos.

Os seis mais velhos sempre recebiam elogios e votos de felicidade. Mas o feioso só recebia caçoadas.

Até as galinhas, que não criavam caso com ninguém, se irritaram com ele e o puseram para correr.

E, assim, o patinho ficou semanas levando sustos e passando vergonha. Até que resolveu escapulir.

Um dia, enquanto a mãe se distraía cuidando do resto da ninhada, o patinho saltou a cerca. Cansado de ouvir tanta zombaria, voou até o grande lago, esperançoso de encontrar outros bichos mais bondosos, que o aceitassem do jeito que ele era.



O pobre patinho não sabia que o lago era habitado por um bando de patos selvagens, que eram os animais mais metidos e orgulhosos de toda a região. Quando ele entrou no lago e começou a nadar todo contente na direção do grupo, mal sabia que teria de agüentar gozações e humilhações em dobro.



— Olhe, Mário Eduardo, que filhote horroroso... — disse o pato mais emproado, fazendo cara de pouco caso. — De onde será que saiu um monstrinho desse?

O tal de Mário Eduardo empinou o bico e respondeu:

— Ora, Roberto Augusto, ele deve ter vindo aqui para nos admirar. Mostre-lhe como você voa bem! Veja, patinho, observe minha elegância...

Os patos falavam muito alto. Os caçadores que estavam no lago ouviram e começaram a atirar. Ao escutar o tiroteio, o patinho nadou até umas moitas de capim e se escondeu. O cachorro dos caçadores viu e correu para pegá-lo. Mas ficou tão espantado com aquele bicho feio que resolveu deixá-lo em paz e preferiu correr atrás dos elegantes patos selvagens.



The illustration depicts a scene from a story. In the background, a dilapidated wooden house with a thatched roof stands on a hill. A path leads from the foreground towards the house. In the foreground, a snail with a grey shell and a dark body is crawling on a large, brown, textured leaf. A small, grey, duck-like creature with a large white head and red feet is walking away from the viewer along the path. The scene is set in a rural, somewhat overgrown area with various plants and foliage. The style is a soft, painterly illustration.

Depois que os caçadores foram embora, levando alguns patos mortos, o feioso saiu do esconderijo e tratou de procurar um lugar mais seguro. Nadou, andou, correu. Quando anoitecia, viu ao longe uma cabana quase caindo aos pedaços, de tão velha e descuidada.

— Não faz mal... — disse ele. — Pode ser que lá eu encontre alguém que tome conta de mim.



Na cabana moravam uma velhinha, um gato e uma galinha. Assim que o viu, a mulher disse:

— Ah, que pato engraçadinho! Entre. Será que você sabe botar ovos? Minha galinha só me dá ovos duros como pedra.

De fato, todas as manhãs a velha tentava comer um ovo e não conseguia. A galinha ficava desesperada porque botava ovos de ouro e sua dona jogava todos fora. O único que não reclamava de nada era o gato, que logo perguntou:

— Você sabe caçar ratos como eu?



— Sabe botar ovos de verdade? — emendou a velha.
— Sabe fazer ovos de ouro como eu? — prosseguiu a galinha.

O patinho feio ficou desanimado. Não sabia caçar ratos e, quanto aos ovos, não conseguia botar nem um pequeninho. Muito menos de ouro...

Passaram-se duas semanas, e o patinho começou a sentir saudade da água fresquinha do lago. Falou com a galinha, que não entendeu por que ele queria ir embora; afinal, ali todos eram seus amigos.

— Sim, eu sei, mas sinto muita falta da água — explicou o patinho.

A velha tinha escutado toda a história e achou que o bichinho era ingrato. Muito brava, bronqueou:

— O que é que você está resmungando? Não sabe caçar ratos, não consegue botar ovos, tem casa, comida, e ainda reclama? Se não está satisfeito, pode ir embora!

Sem escolha, ele saiu devagar, de cabeça baixa. E veio o outono. A coruja, vigiando o caminho em cima de um galho, olhou para ele e abanou a cabeça:

— Onde já se viu uma criança tão pequena andar sozinha pela floresta? Vá para casa, patinho... Além do mais, não quero um bicho feio desse jeito perto da minha árvore.







Todo dia era a mesma coisa. O patinho feio caminhava pela floresta até cansar. E não encontrava um único bicho que fizesse amizade com ele.

— Não tem jeito mesmo — disse ele, depois de uma semana de andança. — Tenho de aprender a viver sozinho.

E foi logo tratando de arrumar um cantinho para dormir. Depois de muito procurar, resolveu se abrigar entre umas pedras e uns galhos secos. Além de ser protegido, o lugar tinha bastante minhoca para ele comer e um lago onde podia nadar.

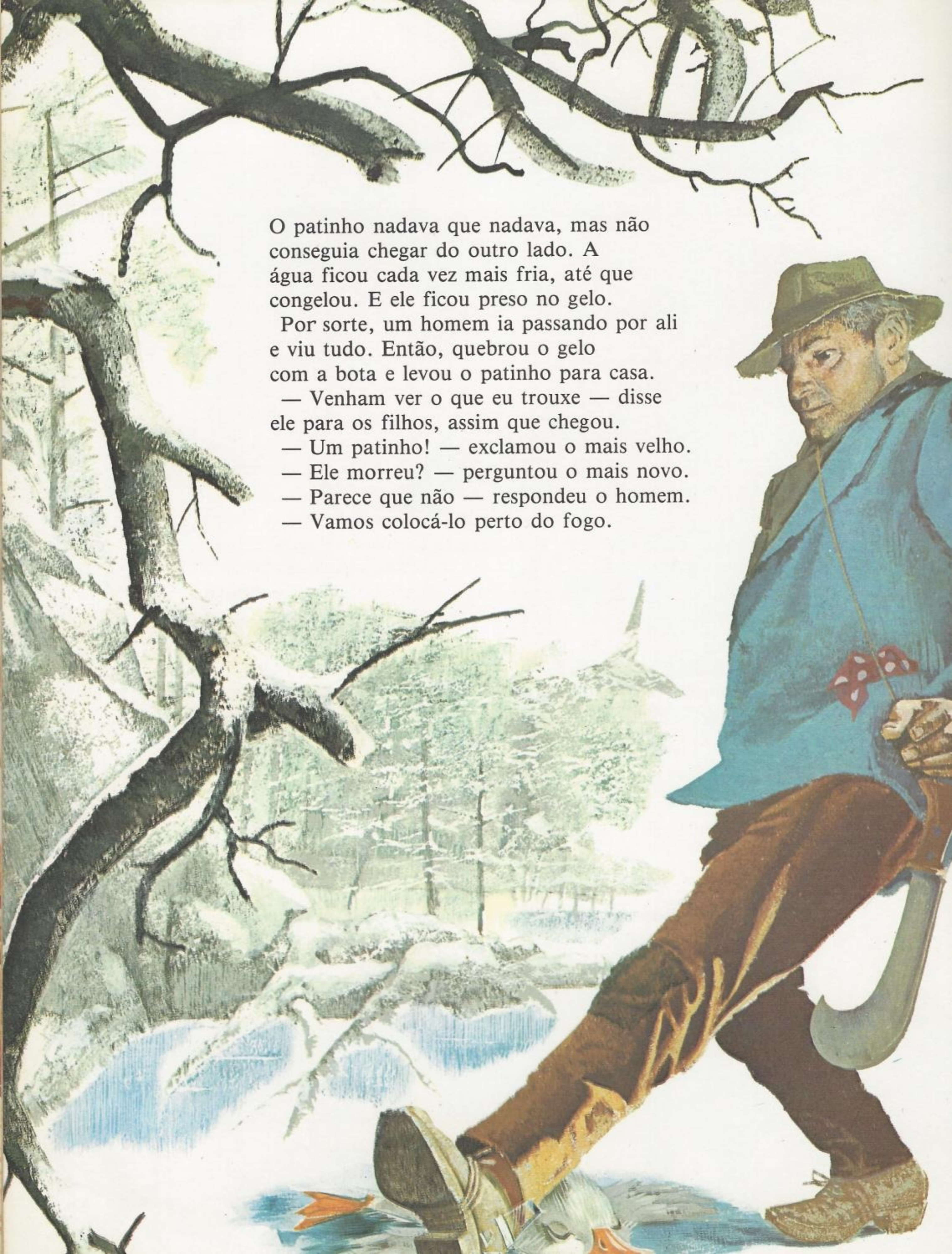
Um dia, passou por ali um bando de cisnes que voavam muito apressados. Logo que viram o patinho, gritaram:

— O inverno está chegando! Você precisa ir depressa para um lugar mais quente. Senão, vai morrer de frio.





O patinho agradeceu o aviso e correu para o lago.
Entrou na água e nadou com a maior rapidez, para ver
se conseguia logo chegar num lugar mais quente.
Mas o inverno veio bem antes do que ele pensava.



O patinho nadava que nadava, mas não conseguia chegar do outro lado. A água ficou cada vez mais fria, até que congelou. E ele ficou preso no gelo.

Por sorte, um homem ia passando por ali e viu tudo. Então, quebrou o gelo com a bota e levou o patinho para casa.

— Venham ver o que eu trouxe — disse ele para os filhos, assim que chegou.

— Um patinho! — exclamou o mais velho.

— Ele morreu? — perguntou o mais novo.

— Parece que não — respondeu o homem.

— Vamos colocá-lo perto do fogo.



Reanimado pelo calor, o patinho abriu os olhos.
Na mesma hora, as crianças foram buscar leite para ele.
— Beba — disse o garoto menor. — Leite faz bem.
— Beba ou eu bato em você — ameaçou o maiorzinho.
E tanto amolaram o feioso que ele tratou de fugir,
voando por uma janela que tinha ficado aberta.

— Paciência, vou passar o inverno aqui fora —
suspirou o patinho, assim que se viu longe dali.

E andou de novo pela floresta, até encontrar
um lugarzinho quente, embaixo de umas árvores.

De dia, ele caminhava bastante para se aquecer e
procurar comida. De noite, se enrolava todo no chão
e ficava esperando o sono chegar.

Assim, o patinho passou o inverno inteiro,
longe da mãe e dos irmãos, quase sem ter o que comer.

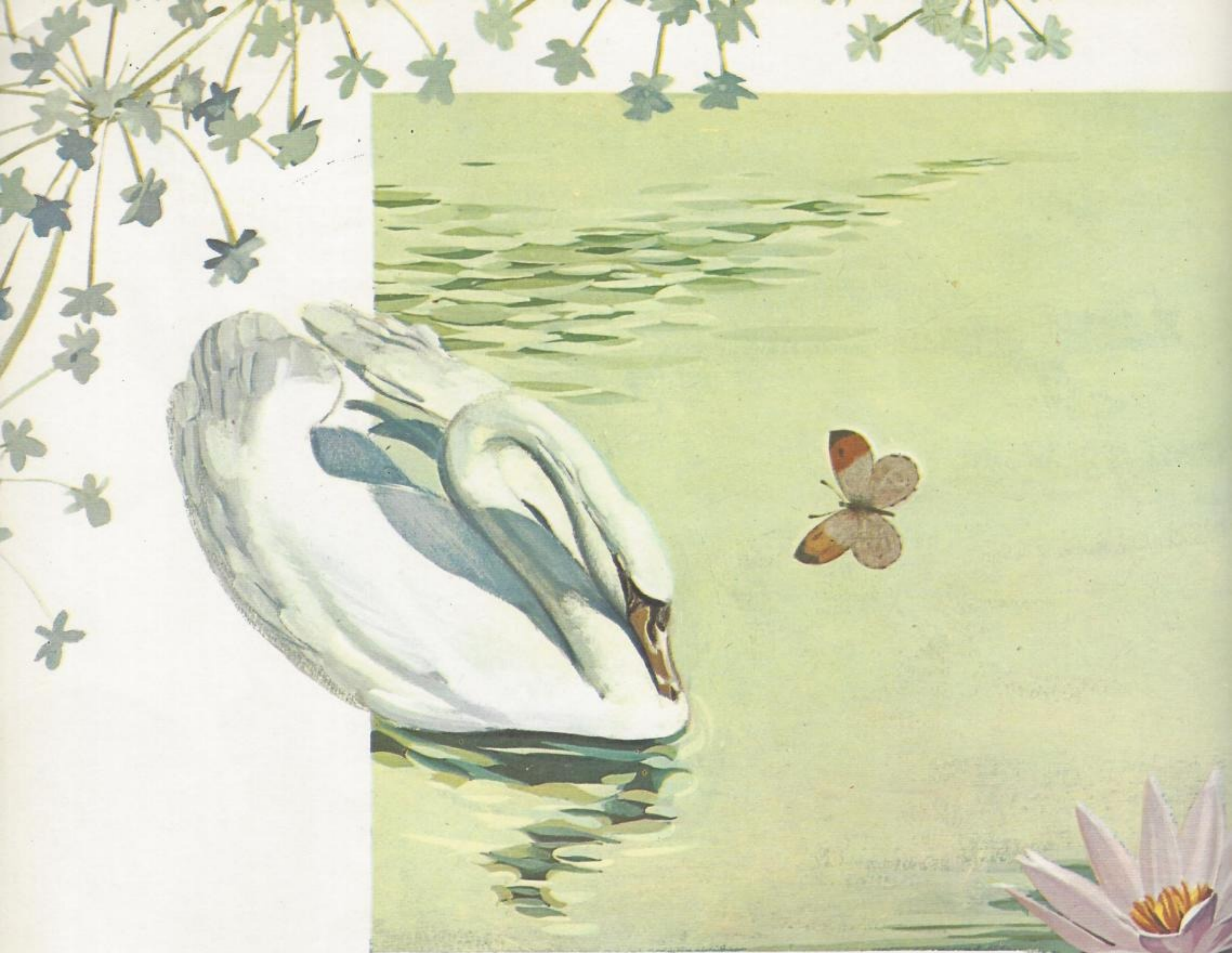


Todo dia, ele olhava para o céu desbotado, para as
árvores sem folhas, para o chão coberto de neve,
para a floresta deserta. Ficava torcendo para
que o frio acabasse logo.



Afinal, o inverno terminou. O céu ficou azul de novo e o sol voltou a brilhar com toda a força. As árvores se cobriram de folhas outra vez e a neve virou água, que a terra bebeu. Os bichinhos da floresta saíram da toca, cada um mais alegre que o outro, e festejaram a chegada da primavera com muita dança e cantoria.

O patinho feio tinha crescido bastante. Suas asas estavam fortes, e ele saiu todo contente em busca de uma lagoa para nadar.



Depois de voar por alguns minutos, o patinho viu um lago bonito, todo cercado de flores. Umas aves brancas, muito elegantes, nadavam tranqüilamente.

— Vou descer perto deles — decidiu. — Pode ser até que me maltratem mais uma vez, mas estou cansado de viver sozinho.

O patinho voou até lá e pousou na água.

— Desculpe ir entrando assim sem mais nem menos no lago de vocês — disse, baixando a cabeça. — Mas... será que eu posso ficar?

— Claro! — respondeu o cisne que tinha todo o jeito de ser o chefe. — É uma honra ter você conosco...





Era a primeira vez que alguém recebia o patinho com tamanha gentileza. E ele ficou tão espantado que, por um momento, até perdeu a fala. Mas depois levantou a cabeça, olhou para o chefe dos cisnes e perguntou:

— Verdade? Você está falando sério? Eu posso ficar aqui neste lago?

— Disse e repito. É uma honra ter você com a gente.

— Não acredito... — respondeu o patinho. — Todo mundo sempre me expulsou, dizendo que eu sou feio de doer. E agora o senhor diz que é uma honra...

— Pode acreditar. O que é que alguns bichos ignorantes podem saber? Veja você mesmo a sua imagem refletida na água: você é um cisne, o mais bonito e forte que já vimos.

O patinho olhou meio sem jeito. E só então viu que tinha crescido e já não era patinho. Era um cisne tão branco e elegante quanto os outros. Só que muito mais bonito. Ele estava espantado com a própria aparência e tentava achar uma explicação para tudo aquilo. Como é que ele, um cisne, foi nascer numa família de patos?



Então, o chefe dos cisnes falou,
para alegria do ex-patinho:

— Você nasceu entre eles, mas
de um ovo de cisne que ficou lá
por engano. E agora quero que
fique morando conosco. Você será
respeitado e admirado porque
finalmente está ao
lado de seus semelhantes.



A bela e a fera





Numa pequena cidade próxima ao mar morava um mercador riquíssimo, que tinha três filhos e três filhas. As jovens eram muito graciosas, e a mais nova, de tão linda, foi batizada com o nome de Bela. Além de bonita, ela tinha outras qualidades: era bondosa e humilde, enquanto as irmãs — Teodora e Francisca — mostravam-se orgulhosas e arrogantes, desprezando os jovens mercadores da região que queriam se casar com elas.



A cada pedido de casamento, Teodora respondia:

— Mas que pretensão! Você é apenas um negociante, e eu desejo um marido melhor para mim. Quem sabe um duque ou um conde...

Francisca, por sua vez, não deixava por menos e humilhava seus pretendentes, dizendo:

— Você não é de se jogar fora, mas quero algo melhor para mim.

Bela, que também recebia propostas de casamento, respondia de maneira bem diferente. Muito educada, ela sabia recusar sem ofender ninguém:

— O seu pedido é uma honra para mim, mas ainda sou muito jovem e, por enquanto, não quero abandonar meu querido pai.

Mas chegou um triste dia em que, por um infortúnio, o pai das moças perdeu todas as suas riquezas.

Ele reuniu a família e explicou tudo. Contou que tinha recebido uma mensagem informando a perda de um grande carregamento de mercadorias. Todos eles estavam, portanto, arruinados. O pai e os irmãos teriam de ir morar numa casa de campo. E, para não morrer de fome, precisariam trabalhar na lavoura.

Teodora foi a primeira a protestar. Ela disse que ia estragar as unhas e as mãos naquele serviço pesado.

— Pai, se você deseja morar no campo, vá sozinho, pois eu não vou! — concordou Francisca. — Casarei com um dos meus pretendentes. O mais rico, é claro!



Mas isso não seria tão fácil. Os homens que queriam casar com as irmãs orgulhosas sumiram quando souberam que o pai tinha perdido toda a fortuna. Apenas os pretendentes de Bela insistiam em pedir sua mão em casamento, sem se importar com o fato de agora a moça ser pobre. Bela recusou cada pedido, pois não queria deixar o pai num momento tão difícil.



Desse modo, toda a família mudou-se para o campo. Teodora e Francisca choravam, dizendo que não conseguiriam habituar-se com aquela vida. Os filhos, porém, logo se ofereceram para ajudar o pai. E Bela acostumou-se rapidamente àquela vida tranqüila.

A moça não se importava de ser pobre. Sua felicidade era agradar ao velho pai e, para isso, não media esforços. Sempre sorrindo e cantando, a moça trabalhava na cozinha, limpava a casa, bordava, lavava toda a roupa suja e ainda arranjava tempo para aprender a tocar cravo.





O tempo foi passando, e Bela tinha aprendido a gostar da vida no campo. Até que um dia, já mais conformado com a pobreza, o pai teve uma boa surpresa.

— Meus filhos — disse ele — , hoje recebi uma notícia que os deixará contentes. Um dos meus barcos conseguiu chegar ao porto carregado de mercadorias e, com elas, faremos grandes negócios! Irei agora mesmo para a cidade. Vocês querem alguma coisa de lá, minhas filhas?

— Oh, sim! — respondeu Teodora. — Um lindo vestido de seda com bordados. Compre o mais caro que encontrar.

Francisca também se animou:

— Para mim o senhor pode trazer uma jóia, mas com um brilhante deste tamanho!

— Está bem, vou fazer o possível — concordou o pai. — E você, Bela, o que quer?

A jovem não queria nada, mas depois de pensar um pouco resolveu pedir um presente bem simples: uma rosa.



O mercador partiu, mas, ao chegar ao porto, soube que seu barco tinha sido aprisionado pelos credores, que tomaram posse das mercadorias como pagamento de suas dívidas. Por isso, triste e desconsolado, o homem resolveu voltar para casa, mais pobre do que antes. Quando atravessava a floresta, desanimado, desabou um temporal.

“Puxa, só faltava essa...”, pensou. Mas... acho que estou perdido... O que é aquilo? Uma luz... Vou até lá.”

Andando com dificuldade sob o vento e a chuva forte, o mercador descobriu que o clarão vinha de um enorme castelo. Não havia ninguém por lá, e o homem andou por longas alamedas até chegar a um bonito jardim, com árvores frutíferas e muitas flores.



O mercador olhava à sua volta, admirado com a beleza das plantas, quando avistou um imenso roseiral.

— Oh! Que rosas lindas! — exclamou. — Bela me pediu uma rosa. Acho que o dono do castelo nem vai reparar se eu pegar uma. Afinal, há tantas aqui...

E apanhou a rosa mais bonita que encontrou. Neste instante, surgiu um homem de cabelos compridos, com uma cara horrível, como a de um animal. Ele vestia roupas luxuosas, mas seu rosto era de uma verdadeira fera.

— Que ingratidão! — rosnou o monstro. — Eu o acolhi em meu jardim, e você rouba minha rosa mais bela. Pois vai morrer por isso!





— Senhor, me perdoe... — implorou o negociante.
— Não fiz por mal. Uma de minhas filhas pediu uma rosa. Há tantas por aqui... e são tão lindas!
— Não me chame de senhor, só de Fera — respondeu o estranho homem. — Combina mais com minha aparência horrorosa. Suas lágrimas não me comovem, mas, já que você tem filhas, talvez a gente faça um acordo. Volte para casa e mande uma de suas filhas no seu lugar. Se dentro de três meses nenhuma delas vier para morrer, você deve voltar. Ou então acabarei com toda a sua família!

Desesperado, o mercador voltou para casa. Ao chegar, contou tudo à família, chorando de aflição.

— Então, pai, quer dizer que o senhor deve morrer por culpa de Bela? — disse Teodora.

E Francisca completou:

— Você está vendo, Bela, o quanto sua rosa nos custará?

Bela ouviu todas as acusações com tranqüilidade e respondeu:

— Não se preocupem, irmãs. Nosso pai não morrerá por minha causa. Eu irei em seu lugar até o castelo de Fera.

O pai reagiu, dizendo que não permitiria o sacrifício da filha. Mas a jovem tanto fez e tanto falou que conseguiu convencer o pai a deixá-la ir. O tempo passou depressa e, dali a três meses, a moça partiu tristonha para o castelo daquele terrível homem. Chegando lá...



“Nossa, que lugar mais deserto...”, pensou Bela, que logo se surpreendeu ao encontrar a mesa posta. Ela estava morrendo de fome, pois tinha viajado muito para chegar ali. A jovem sentou-se à mesa e, alguns minutos depois, ouviu um estrondo. Era Fera, o dono do castelo!

— Ai, que susto... Então, você é que é Fera?

— Veio por sua própria vontade, Bela? — perguntou o monstro.

— Sim — disse a moça. — Causei muitos problemas ao meu pai quando lhe pedi uma rosa. Agora quero morrer em seu lugar, para demonstrar meu afeto.





— Você é muito bondosa, e o seu sacrifício será recompensado — respondeu Fera. Mandei preparar um quarto só para você. Quando terminar o almoço, poderá vê-lo.

Mais tarde, Bela foi espiar o quarto. Depois, percorreu os salões do castelo, leu, passeou pelos jardins e, à noite, voltou à sala de jantar. Quando o relógio deu nove horas, Fera surgiu e pediu para acompanhar a moça durante o jantar.

— Claro que sim — consentiu Bela. — Afinal, o castelo é seu...

— Não é isso. Se você quiser, vou embora agora mesmo — retrucou Fera.

A jovem permitiu que ele continuasse ali, e o monstro, curioso, quis saber se ela o considerava muito feio. Como sempre, Bela não mentiu:

— Sim, mas você também é muito bom e educado. Essas qualidades valem mais do que a beleza.

— Fico feliz em ouvir isso... Bela, quer se casar comigo? — pediu Fera.

A menina hesitou ao ver aquela cara monstruosa, mas criou coragem para recusar. Com muito jeito, Bela explicou que não queria se casar, mas poderia fazer companhia para ele.

O monstro afastou-se, triste. Bela foi para o quarto, pensando que talvez ele tivesse desistido de matá-la.





E, assim, Bela passou a morar no palácio. Todas as manhãs, Fera lhe trazia lindos buquês de flores e, à tarde, caminhavam juntos pelo jardim, conversando horas seguidas. Pouco a pouco, sem perceber, a jovem chegou a desejar a companhia do rapaz, sempre tão gentil e atencioso com ela. Tudo ia bem, a não ser quando o monstro voltava a pedi-la em casamento. Até que uma noite...

— Bela, case comigo! — suplicou Fera.

— Ah!, desculpe, mas acho que isso não vai acontecer nunca. Serei sempre a sua melhor amiga — respondeu a moça.

Com ar triste, Fera concordou. Mas quis que Bela promettesse nunca mais sair dali.

— Eu tenho saudade de casa — queixou-se Bela.

— Deixe-me visitar minha família só por uma semana. Juro que volto no oitavo dia e que depois nunca mais irei embora.

— Bela, se você não voltar, morrerei de tanta tristeza — respondeu Fera.

— Eu voltarei. Prometo.

— Está bem — disse o rapaz. — Eu acredito em você. Antes de se deitar, ponha este anel encantado sobre a mesa. Amanhã mesmo você acordará na casa de seu pai.





Bela descansou tranqüila, e a noite passou depressa. No sono, ela voou. E o vento a transportou até o seu antigo lar. Ao despertar, bela estranhou:

— Ahn... onde estou? Mas... é o meu quarto. Agora tocarei a sineta e farei uma linda surpresa a papai...

O pai levou um susto ao ouvir o barulho da sineta:

— Mas... minha filha! Pensei que nunca mais ia ver você... Achei que já estivesse morta...





— Que nada, pai — explicou a menina. — Apesar da feiúra, Fera é sempre muito gentil comigo, e até deixou que eu viesse aqui visitá-lo.

De fato, o monstro foi tão atencioso que até enviou à casa de Bela um imenso baú, cheio de vestidos de seda, colares e braceletes. As duas irmãs arrogantes, quando a viram toda bem vestida, ficaram com tanta inveja que decidiram achar um meio de prejudicá-la. Teodora e Francisca cochicharam que estavam morrendo de raiva só de ver a cara de anjo da irmã bondosa.



Quando souberam que Bela só iria permanecer oito dias na casa do pai, as duas resolveram mantê-la por mais tempo. Nos dias seguintes, foram amáveis e gentis. Na hora de partir, a jovem se levantou:

— Irmãs queridas, vocês foram muito boas comigo. Estou começando a ficar triste por deixá-las...

— O que é isso, Bela? — disse Teodora. — Fique mais uma semana com a gente. Se o monstro é tão bonzinho quanto você diz, ele não se importará.

E Francisca completou:

— Então, fica?... Sim!...



Assim, Bela deixou-se convencer pelas malvadas irmãs, mas sentia-se triste, pois sabia que seu amigo estava longe e sozinho. Durante uma noite escura e fria, teve um sonho horrível: viu o monstro caído em seu maravilhoso jardim, quase morto. Bela acordou com o coração aos pulos e o rosto cheio de lágrimas. E achou que estava sendo ingrata com aquele rapaz que a tratara tão bem. Mais que depressa, colocou o anel encantado sobre a mesa e voltou a dormir. Na manhã seguinte, acordou no castelo do monstro. Como não o viu, foi correndo ao jardim, para procurá-lo. A fera estava deitada sobre as rosas que tanto amava.

Com voz muito fraca,
Fera disse:

— Bela... Que bom que
você voltou... Agora
posso morrer contente
por ter visto você uma
última vez...

— Não fale assim —
pediu Bela. — Você não
pode morrer... Voltei
porque senti sua falta
e agora quero me casar
com você.

Neste momento, uma
forte luz branca
apareceu, envolvendo
o corpo de Fera. Para
espanto de Bela, surgiu
diante dela um
belíssimo príncipe...



Bela espantou-se e quis saber onde estava Fera.
O príncipe, então, explicou que uma bruxa o havia transformado num ser horrível. E o encanto só acabaria quando uma jovem o aceitasse como marido. Bela foi a única que notou as qualidades do rapaz, sem se importar com sua aparência. Refeita do susto, a moça mandou buscar o pai numa carroça de ouro. E, desde então, os três viveram felizes para sempre.



